

XX

As fontes da zona rural

As fontes na zona rural são poucas, mas, em compensação, há um sem número de bicas, de formato de poste cilíndrico, de ferro fundido, com um suporte para o vasilhame e uma bica de bronze.

O costume colonial de ir buscar água às fontes públicas repete-se na zona rural, em muitos lugares dos subúrbios, nas ilhas, e mesmo nos arredores da cidade, nos morros transformados em favelas.

Os barris, barriletes, pipas puxadas por animais, em carro de duas rodas e chinguiço, desaparecidos, foram substituídos por latas de banha, de biscoito e barris; estes rolam da bica à habitação do seu dono e aquelas são levadas à cabeça ou então enfileiradas duas a duas, em pequenos carrinhos, especialmente feitos para isso.

A reunião nas bicas em D. Clara, Madureira, Irajá, Vigário Geral, Jacarépaguá, Deodoro, Campo Grande, Santa Cruz, Santíssimo, Senador Vasconcelos, Bangú, Cosmos, Inhoíba, Paciência, é a mesma que havia nos tempos coloniais.

As mesmas discussões e brigas, entre crianças, mulheres e homens; todos querem ser os primeiros e essa aglomeração dá um aspecto de miséria e é deprimente aos nossos foros de país civilizado.

Na estação da Mangueira, os habitantes do célebre morro do mesmo nome vão buscar em verdadeira romaria o líquido que lhes falta, na estação.

Na estação Senador Camará não há água, apesar de passar pela estrada um condutor da mesma; assim, esperam os pobres habitantes a chegada do trem, que aí sempre demora, esperando o encontro do que vem de Santa Cruz, para receber da caixa d'água do tender da locomotiva o precioso líquido, que carregam em latas. Esse fato passa-se a 33 quilômetros da capital da República, em pleno Distrito Federal.

O mais interessante é que não encontrei senão em Santa Cruz, no caminho que vai ao Matadouro, uma bica e tanque para animais beberem água; antigamente, cuidaram mais destes infelizes auxiliares do homem.

Na ilha do Governador existe uma fonte (Wallace), localizada no meio da praça, da praia da Guanabara, Freguezia, a qual já foi descrita no capítulo "fontes de ferro fundido"

Dignas de nota são as fontes da Pavuna e a de Santa Cruz, e as reprêas que encantam pela sua beleza indescrevível e paisagem exuberante.

Os mananciais, reprêas naturais e artificiais

Os rios da zona rural pertencem a diversos sistemas que são os da planície de Inhaúma e Irajá, de Jacarêpaguá, de Guaratiba e de Sepetiba.

Na zona de Inhauma e Irajá temos o Rio Faria, que tem 10 quilômetros de extensão, nascido na Serra do Inácio Dias, percorre os bairros do Encantado e do Engenho de Dentro, para desaguar no saco de Inhaúma, perto de Manguinhos, tendo como afluentes o rio Jacaré e rio Timbó.

O rio Irajá, nascido na serra da Misericórdia, desagua em frente à ilha do Governador, em verdadeiro pântano.

O sistema Pavuna Meriti abrange uma bacia de 17 quilômetros quadrados, na parte nordeste da terra carioca.

O rio Pavuna, limite norte do território do Distrito Federal, tem 14 quilômetros de curso. Nasce nos pântanos do Sítio do Retiro, percorre as terras alagadiças de Anchieta, tendo um canal de quatro quilômetros, canalizado desde o leito da E. F. Rio do Ouro até a foz do Meriti, tendo sido muito navegável por pequenas embarcações entre Pavuna e Três



Tombo na canaleta do "Olho d'agua".

Barras, desde a sua construção, em 1887, até ao completo abandono, como presentemente se acha pela Diretoria de Portos e Canais.

O rio Merití nasce com o nome de Piraquara, no morro da Pedra Rasa, entre as serras do Bangú e do Barata, toma o nome de Sapopemba, ao passar a Estrada de Ferro Central do Brasil. Os seus afluentes são os rios dos Caldeireiros, dos Affonsos, que atravessam o campo do mesmo nome (hoje Aviação Militar), e o das Pedras, oriundo da Serra Ignácio Dias ligando-se ao Pavuna, nas Três Barras, tomando aí a denominação de Rio São João de Merití e tendo 40 metros de largura a sua foz em frente à ilha Saravatá.

Na estação de Pavuna existe uma fonte de ferro fundido, representando um tanque, tendo um corpo com espaldar, encimado por uma estatueta de ninfa e, ao centro, uma bica, que abastece os moradores da localidade, sendo o líquido fornecido pelos encanamentos do Rio do Ouro.

Os da planície de Jacarépaguá

O Rio Cachoeira que tem oito quilômetros de extensão, nasce nas visinhanças do Bom Retiro, no massiço da Tijuca, cujas cabeceiras vem da lagôa dos Porcos, hoje Açude Solidão de um lado e pelo Rio Caveira do outro que reunidos passam pela encantadora Cascatinha, tão conhecida dos amorosos, pelo seu atraente ambiente de poesia, já pela sua paisagem indescritivel e pelo escachoar de suas águas cristalinas, que caem de 30 metros de altura, e que misteriosamente sobem em evaporação ao espaço, transformando o ar em amena frescura.

As terras da localidade denominada "Cascatinha" eram as do Sítio Taunay, que foram adquiridas pelo Governo aos herdeiros de Felix Emilio Taunay (Barão de Taunay), conforme consta da escritura de 31 de Dezembro de 1920, em notas do tabelião do 16º officio, pág. 112 e 113 do Relatório da Inspetoria de Águas e Esgotos de 1928.

O referido sítio occupava uma área de 224.135 metros quadrados, avaliado em 170.000\$000, preço pelo qual foi comprado, para conservação e pureza das águas.

Numa pequena clareira, próximo à extinta habitação, há um monumento quadrilátero, estilo colonial, dedicado ao Barão de Taunay e não como saiu no "Sertão Carioca", em homenagem ao Visconde de Taunay.

Após a ponte sobre o Rio Cachoeira, à direita da Cascatinha e em frente á clareira, construíram, na encosta do morro, um bar-restaurante para turismo.

Ao passar o rio pelo Alto da Boa Vista, muda de direção para S. E., desce pelo Vale das Furnas de Agassiz. Formidáveis pedras formam verdadeiras grutas, furnas que nos fazem pensar nos Ciclopes, por serem estes monólitos dignos daquela época, pela sua formação secular. Aí, debaixo destas pedras, existe a Mesa do Imperador, onde Pedro II passava horas a deliciar-se no belo, tendo na parte superior trepadeiras e orquideas de rara beleza, que caem como chorões, formando verdadeiros caramanchões. O Prefeito Passos, em 1903 restaurou a mesa Histórica, como reliquia de nossa terra.

Depois da bifurcação das estradas das Furnas e Picapau, acha-se, à direita, a "Cascata Grande", formada de duas quedas d'água, mas hoje muito reduzida, a não ser depois das chuvas, que toma aspecto magestoso, feito pela mão da natureza. Esta cascata é extraordinária pela sua múltipla visão, talvez um dos pontos mais belos da paisagem carioca, entrê as duas quedas, a água, quasi que parada, é um espelho do céu, das montanhas e da vegetação. Estas quedas dão a impressão de estar-se em um país de fadas, em um paraíso.

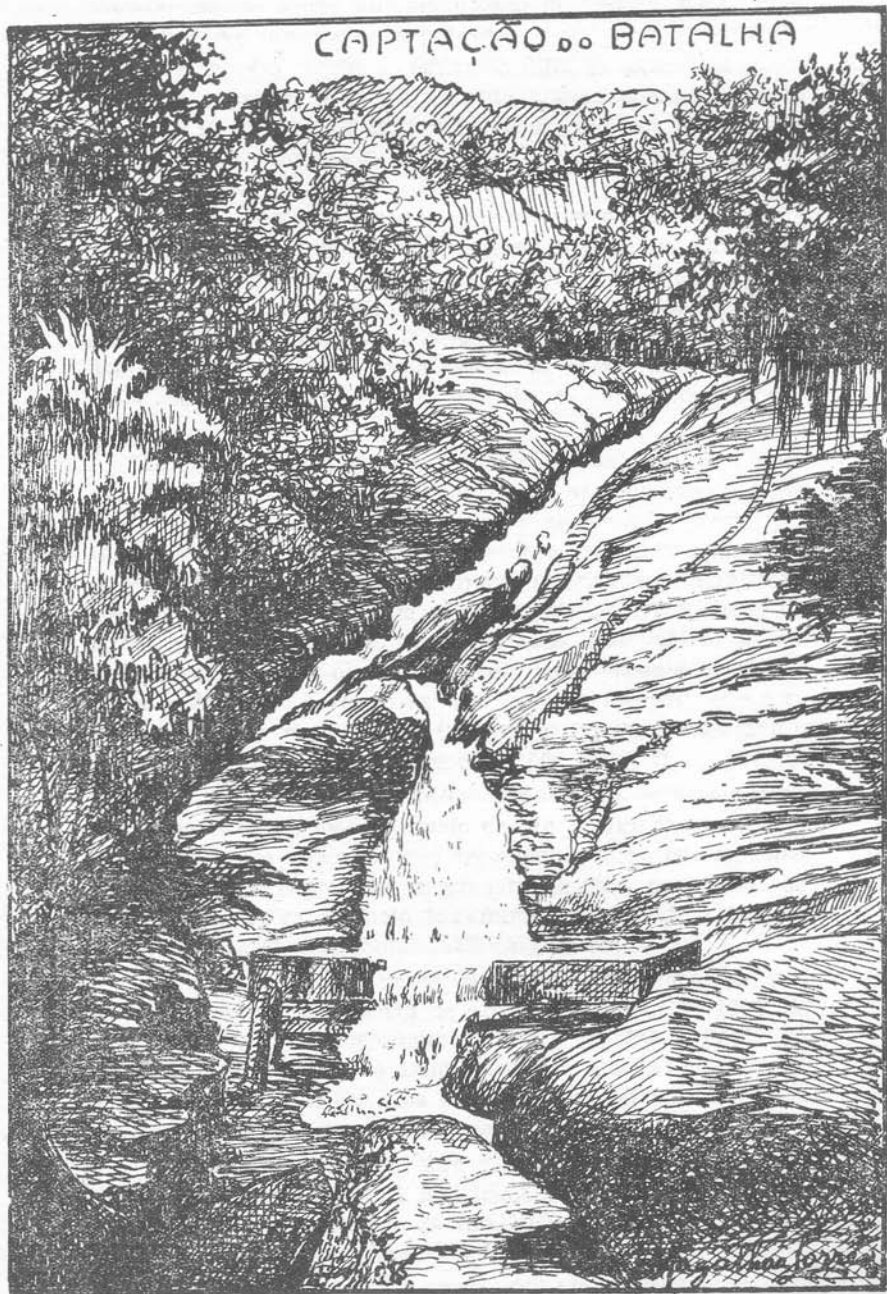
Assim segue o rio até alcançar a planície entre maravilhosas paisagens e recantos belíssimos dos massiços da Gávea e da Tanhangá, onde recebia o córrego Taquara, hoje rio Taquara, que vem do morro da Taquara e vai desaguar no Atlântico, perto da foz do Cachoeira, em frente á ilha Gigoia.

O Rio Porta da Água nasce na vertente septentrional dos morros da Tijuca, denominado Serra dos Três Rios, em virtude de ser formado pelos Fortaleza, Ôlho da Água e Ciganos.

O dos Ciganos é represado, no alto da serra, a oito quilômetros da Freguezia; esta represa é extraordinária, recanto adorável, localizada em floresta de arariba, canela, cedro-rosa, pau brasil, jacarandá-tan, jequitibá, bicuiba e inúmeras espécies, onde habitam o sabiá, a rôla e o bem-te-vi, e salpicadas de borboletas azuis, amarelas e múltiplas côres. Felizmente hoje em dia é proibido caçar, por ordem do Ministério da Viação. Essa medida se estende aos colecionadores de borboletas, patrimônio da nossa fauna quasi desaparecida.

A represa dos Ciganos é formada por uma caixa de quatro metros e 70 centímetros de profundidade, por oito de largura e 10 de comprimento, com a comporta de três metros de largura, por onde sae a água, excedente, em verdadeira

CAPTAÇÃO .. BATALHA



cascata, caindo sôbre um amontoado de pedras, para, mais em baixo, ser novamente represada.

Esta represa recebe as águas do Olho da Água, que caem por uma canaleta, feita de cimento como verdadeira escadaria de 10 degraus, e, tombando de um em um, purifica-se depois de um percurso de 900 metros, de sua represa, pequenina, mas poética, colocada na vertente da serra do lado esquerdo, cujo percurso circunda o cume da montanha.

A represa do Olho da Água é formada de larga corredeira de seis degraus, que recebe o rio e o represa em uma caixa de quatro metros por quatro e daí levada à dos Ciganos, passando antes d'êste reservatório para o classificador, e o excedente das águas, caindo pela comporta, forma uma cascata. Tôda esta obra está em plena floresta, de suavíssima temperatura.

As águas dos Ciganos juntamente com as do Olho d'Água são captadas em grossos tubos, que as conduzem mais abaixo, passando novamente por uma canaleta de tombo em tombo, até cair na caixa de decantação e daí a outra canaleta, ao reservatório classificador e distribuidor, que a impulsiona até à nova caixa construída recentemente pela Inspeção de Águas e Esgotos, no Tanque, denominada Reservatório de Jacarépaguá, feito de cimento armado, com capacidade de 10 milhões de litros, dividido em dois compartimentos, que fornece água para Jacarépaguá, Cascadura, Quintino Bocaiuva e Piedade, importando esta obra em 1.600:000\$000.

A represa dos Ciganos, pròpriamente dita, está localizada em plena floresta, mas em meio de um jardim tropical, com tôdas as árvores ornamentais e decorativamente rústicas, como requer o caso. Entra-se por um largo portão, na estrada de Três Rios, que fica em meio do caminho que vai ter à Bôca do Mato, onde passam os tradicionais cargueiros.

No interior há uma praça, denominada Continente, e aí uma casa de pedra, coberta de sapê, com a data de 1906, de acôrdo com o meio; logo acima, junto à represa, a Fonte da Cabocla, pequena bica de água cristalina, que sai da bôca de uma carranca e cai em uma bacia natural; aí há uma placa em bronze, com os dizeres seguintes:

"Represa dos Ciganos, obra executada sob o govêrno do sr. dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves — Presidente da República. Sendo ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas o sr. dr. Lauro Severiano Müller.

Pela inspeção geral das obras públicas — 1906."

E' neste lugar a represa, cercada por uma grade de ferro e pilastras.

Logo abaixo deste recanto, a uns tresentos metros, em plena estrada, está a represa dos Três Rios, a velha e a nova, que recebe a água excedente dos Ciganos e outros córregos, passando do reservatório para o clarificador e distribuidor, que abastece os habitantes da Freguezia e proximidades.

Aí temos a Fonte do Caboclo, outra bica que tem uma carranca parecida com um macaco; neste lugar há mesas para *pic-nics* (único lugar permitido).

Seguindo a estrada, encontra-se à direita outra estrada, que leva à represa de Madame Ruck, abastecida pelo Fortaleza; assim voltando a estrada, encontra-se a casa do administrador, do chete geral das matas, sr. Emiliano Martins de Oliveira, que, se não nasceu, aí se identificou com tudo, e a quem devemos estas extraordinárias belezas. Numa árvore secular está uma taboleta: "E' proibido caçar", ao entrar nos domínios da Repartição das Águas.

Assim, o Três Rios ou Porta da Água forma ainda o vale do Mateus até à planície de Jacarépaguá, onde muda de direção para o Sul; nesta parte é canalizado até à lagoa Camorim, com denominação de Vala Nova ou Rio Anil, depois de um percurso de 10 quilômetros.

O Rio Caieira, formado pelo Taquara, que une as águas dos riachos Pequeno e Grande, oriundos do Massiço da Pedra Branca, e do Covanca, formado nos morros de Inácio Dias. O Caieira percorre 18 quilômetros e é o sistema central da planície. O Rio Grande é represado a 128 metros, onde se acha a caixa d'água do Pau da Fome ou do Rio Grande. O Rio Covanca também é represado a 100 de altura para o reservatório ou caixa d'água local.

O Rio Fundo, denominado Arroio Pavuna, mede 15 quilômetros, nasce no Massiço de Pedra Branca, sob o nome de Engenho Novo; é canalizado entre a estrada de rodagem e a lagoa que desagua.

A represa natural do Camorim, formada pelo rio do mesmo nome, possui uma queda, de 11 metros de altura por 15 de largura, de uma beleza extraordinária. A obra de "barragem", cujo armazenamento d'água é de 1.950.000 metros cúbicos, custará, depois de concluída, 1.000:000\$000.

O Camorim é o maior manancial do grupo Jacarépaguá e foi captado em 1907-1908, pelo dr. Sampaio Corrêa. O açude tem a área total de 210.000 metros quadrados com 2.



Fonte da Escola, Estados Unidos da América do Norte
(Matadouro)

capacidade de 2.400.000 metros cúbicos e situado na cota de 435 metros. É uma maravilha.

O Vargem Grande e Pequeno são córregos que recolhem as águas da vertente meridional da Pedra Branca. O Vargem Grande tem o nome local de Paineira e perdem-se todos nos brejos dos Campos de Sermambetiba.

Os da planície de Guaratiba

Recebe esta planície as águas que vêm da vertente ocidental do Massiço de Pedra Branca, da vertente SO. das serras do Luiz Barata e Inhoaíba, numa área regular de 100 quilômetros quadrados.

O Rio Portinho, de 11 quilômetros, nasce no Morro das Tócas, com o nome de Lavras, e vai, tortuoso, desembocar no canal da Barra, frente à Marambaia.

O Rio Piracão é de curto percurso, sinuoso e de larga foz.

O Rio Piraquê, com o nome de Cabuçú, passa por Campo Grande, como o de Prata nasce na Pedra Branca, desviado pelo Morro do Lameirão para Oeste, e numa sinuosidade de 12 quilômetros alcança a baía de Sepetiba, com a foz de 35 metros.

Forma com o nome de Prata as represas naturais: "Quininha", situada a 112 metros de altura do nível do mar, "Batalha", que fica abaixo desta e, mais adiante, a "Cabocla", todas elas com belíssimas quedas d'água.

O novíssimo reservatório "Victor Konder", em Campo Grande, com capacidade para 16 milhões de litros, feito de cimento armado, com dois compartimentos, custou 1.900 contos de réis, e fornece água para Campo Grande, Santíssimo, Inhoaíba, Paciência e Santa Cruz.

Os da Planície de Sepetiba

As obras colossais dos padres Jesuítas referem-se aos rios que banham Santa Cruz ou os seus campos, pela sua extensão.

O rio Guandú, ou Ribeirão das Lages, ou Guandú Grande, desce das chamadas cabeceiras do Guandú, de seis léguas de percurso, banha Marapicú e antes de tangenciar os terrenos baixos de Santa Cruz, bifurca-se em dois ramos desiguais. O maior toma o nome de Rio Itaguaí ou Rio da Guarda, separando a Fazenda de Santa Cruz do município de Itaguaí. O

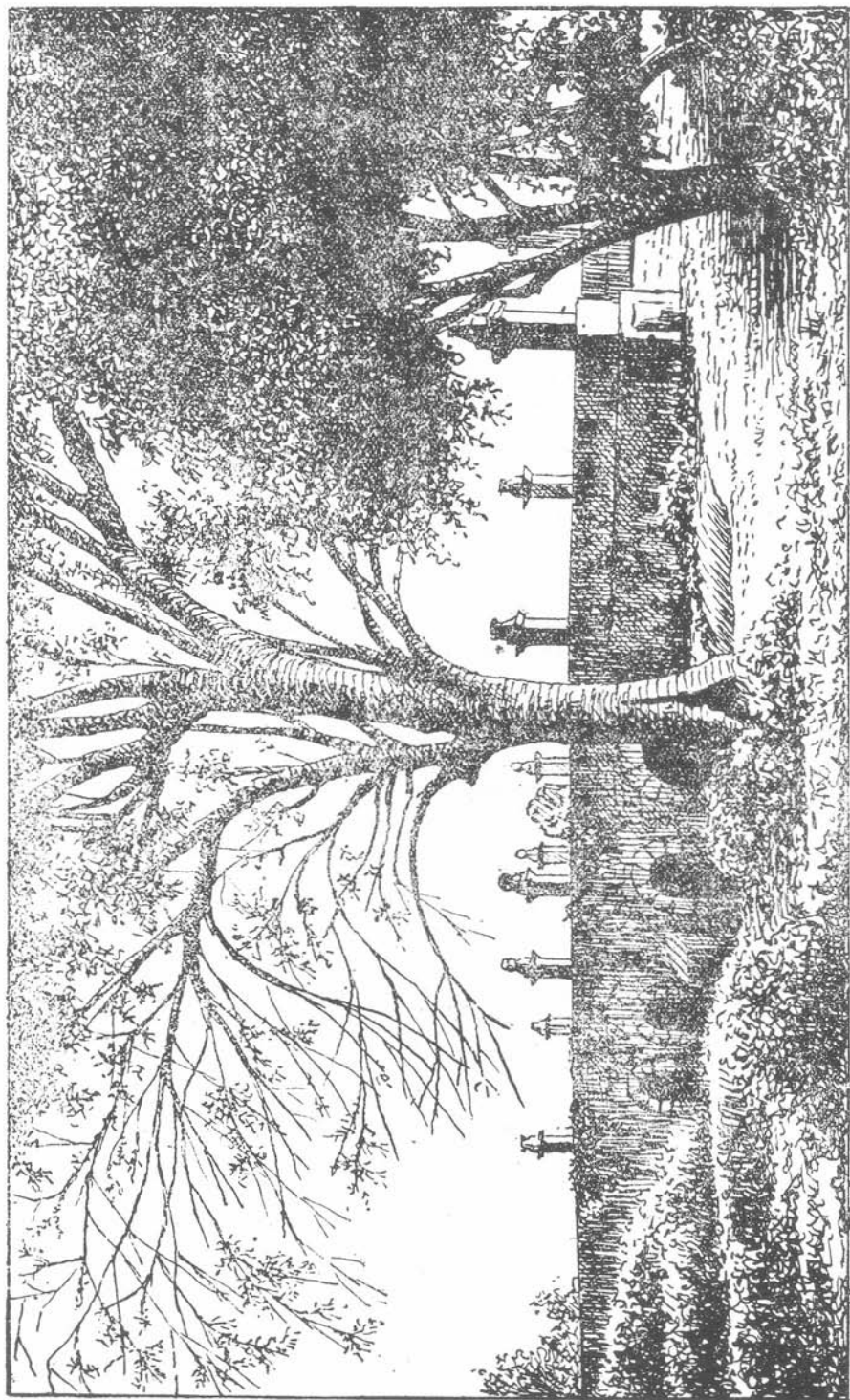
menor, ali conhecido pelo nome de Rio Guandú, recebe o Guandú-mirim, de pequeno volume d'água, corta os campos, depois de zig-zaguear, desemboca, distante da embocadura do Rio Itaguaí. Nos meses de verão, as chuvas torrenciais caíam copiosamente sobre aquela planície, conservando-se aí por muito tempo, visto os dois Rios Guandú e Itaguaí não terem capacidade para esgotar senão lentamente, pelo que inundavam todos os terrenos por transbordarem em horrorosa perspectiva.

Os rios desapareciam, transformando tôda esta zona em um grande e incomensurável lago; a lavoura, perdida e o gado, afogado; então, os Jesuitas, naquele tempo remoto, reuniam os habitantes vizinhos na alta colina do convento e igreja e ali ficavam ilhados por assim dizer longos dias; os mais corajosos fugiam em canôas de voga — era um verdadeiro cataclisma.

Resolveram por isso, os Jesuitas enviar à Holanda dois padres da companhia, para estudar o assunto.

O Guandú ou o menor ramo da bifurcação do Rio "Ribeirão da Lages", ou "Guandú Grande", foi, pelos Jesuitas, bifurcado por uma grande vala na margem esquerda até o mar, contendo 10 quilômetros e 859 metros de extensão; nas grandes enxurradas as águas desciam pelos dois leitos. A vala tomou o nome de "Itá", por ter o leito pedregoso; apesar disso era navegável por canôas de voga, hiate e outras embarcações, facilitando a comunicação entre localidades longínquas. Uma outra vala da margem direita do Guandú foi levada até quasi à embocadura do Itaguaí. Medindo 10,130 metros de comprimento, essa vala tomou o nome de "São Francisco".

Quando nos meses das águas o Guandú enchia além do normal, os jesuitas fechavam por diversas comportas a comunicação entre êle e o São Francisco, e assim isolado êste canal servia para esgotamento das campos inundados. Se havia deficiência d'água nos meses de estio, levantavam as comportas e uma fonte das águas do Guandú ia para o leito do canal. A abertura fechada pela comporta era conhecida pelo nome de "Oculo do Candinho". E muitas valas foram escavadas em diferentes direções ligando entre si os rios Itaguaí, Guandú, Itá e São Francisco e as valas Goiaba e do Cabuçu, formando um verdadeiro sistema de irrigação e drenagem, nos campos de Santa Cruz.



Magalhães

Represa e Ponte dos Jesuítas, em Santa Cruz (Visto do lado esquerdo)

Nas obras hidráulicas da planície de S. Cruz e seculares terras de Piranema, construíram taipas ou diques de terra, de dois a quatro metros de altura, e em toda extensão da margem esquerda do braço do Guandú, para proteção dos campos. Essa muralha de terra, de barro e pedra na parte do contato com as águas do rio e da área na face do campo, tomou o nome de "Taipa do Frutuoso", e também existia o "Oculo dos espanhóis" abertura feita pelos jesuitas nesse dique, que fechavam por uma porta de ferro nas grandes enchentes e abriam nos tempos da seca, para alimentar os animais do pasto, do Frutuoso. Sobre uma extensão de 1.641 metros e de seis metros de largura e dois metros de altura, calculando-se 20.000 metros cúbicos de terra no levantamento deste dique.

Mas, comparando com o dique da "taipa grande" da margem esquerda do Itaguaí, este o sobrepuja pela sua obra verdadeiramente grandiosa e colossal.

Foram construídas barreiras mais chegadas ao rio Grande; barro, e pedra do lado do Rio e barro, pedra e areia do lado dos campos, tendo 7.000 metros de extensão por 4 metros de largura e 6 de altura, portanto 167.904 metros cúbicos de terra.

Desejando diminuir o mais possível as águas do Guandú pensaram logo em descarregar sobre o rio Itaguaí o excesso das águas nocivas aos terrenos marginais do Guandú, começaram por abrir um canal largo e profundo da parte direita deste águale. Construíam uma ponte sobre o rio Guandú perto da Olaria, na estrada do Cortume, toda de cantaria, apoiada em 4 arcos desiguais, por onde o Guandú passava entre sólidas abobadas, com um adequado sistema de comportas conseguiam eles fechar o leito do rio ao curso das águas, ora totalmente, ora em parte, diminuía ou aumentava a metade do volume d'água ou interrompia o seu curso, de forma que neste último caso fechadas as comportas, as águas diante deste obstáculo voltavam sobre si, e escoavam pela saída do canal daí até o rio Grande ou Itá e deste até o mar.

A ponte colonial pesada era toda de pedra, com colunas, relevos, partes esculpidas, pavimentos calçado e abaulado, e tinha a inscrição na principal pedra da direita:

"I. H. S."

1752

"Flecte genu, tanto sub nomine, flecte Viator;"

"Hic etiam reflua flectitur amnis aqua"

A tradução dêste distico é do dr. Padberg Drenkpol, do Museu Nacional:

“Dobra o joelho, sob tão grande nome, dobra ó viandante”
“Aqui também se dobra o rio, em água refluente”.

Por gentileza do dr. Hibernão Ferreira, engenheiro, da comissão de dragagem e retificação dos rios Guandú e Itá, fui apresentado aos engenheiros do Serviço da Profilaxia da Malária, serviço êste extraordinário, em que a drenagem dos campos é um fato, canalizados os córregos, colocadas calhas nas valas e caixas de areia, trabalho que honra a nossa engenharia.

O dr. Hibernão levou-me a ver tudo e graças a êle conheci a ponte-reprêsa do Guandú, que está a seis quilômetros de Santa Cruz, na estrada do Cortume, que vai a Campo Grande.

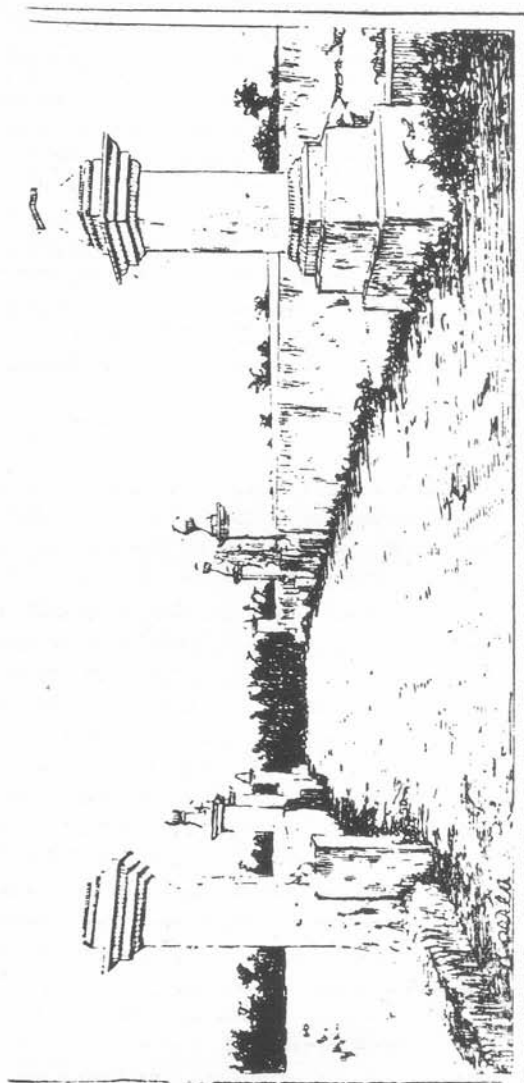
As fontes de Santa Cruz

A da Escola E. U. da América do Norte

Na estação do Matadouro, em Santa Cruz, existe, no antigo parque do escritório da companhia, proprietária do Matadouro, hoje escola pública municipal, denominada Estados Unidos da América do Norte, uma fonte em estado de abandono e, no entanto, de linhas curiosíssimas e agradáveis.

Sobre uma sapata de pedra, sem o respectivo tanque, pousa em pedestal de pedra lavrado, em forma de cubo, com cornija, de cujos ângulos avançam como beirais das casas chamadas coloniais, e sobre êste cubo assenta um corpo prismático regular de ferro fundido, de feitio de quiosque japonês, mas com colunatas tríplexes, base e capitel corinto; os ângulos sustentam uma cornija que no conjunto dá a impressão de uma coroa de marquês. Nas faces do prisma aparecem bicas, em número de quatro, colocadas no centro e sobre os lados correspondentes aos ângulos da base: a decoração destas faces são painéis em imitação de tela de arame e ao centro, um círculo decorado. Sobre a cornija, na parte superior, como cúpula, um corpo prismático, que suporta um outro, que, afunilando, recebe a base de um vaso grego, de cuja tampa sae o repuxo.

Junto ao quartel do 2º Regimento de cavalaria, em S. Cruz, existe uma fonte Wallace, no meio de um tanque, de cimento armado.



Ponte-represa dos Jesuitas sobre o Rio Guandú, na Estrada do Cortume

Ao saltar da estação em Santa Cruz, acha-se ao lado esquerdo um pequeno jardim provincial, tendo ao centro uma fonte feita de cimento e com a seguinte dedicatória:

“A Estrada de Ferro Central do Brasil, ao povo de Santa Cruz”, 1926.

Ela é formada de curvas polilobadas e retas, na sua bacia, ao centro, um corpo octogonal como base, tendo aos lados florões inscritos em losangos; na parte superior e na inferior dos lados avançam triângulos, dando impressão de estrela o conjunto; sobre esta base, apoiam-se quatro curtas colunatas de base e capitel corintos, que suportam uma bacia ornada de óvulos e ao centro, outro corpo cilíndrico terminado por um quadrilátero, tendo nas faces cabeças de mulher com tranças e coroadas, o qual recebe outra pequena bacia decorada ainda com óvulos e sobre esta, um esferóide pousado sobre uma pequena base; encimando a coroa imperial, de cujo ápice sai um repuxo, de onde em chuveiro cai na bacia transbordante e desta à segunda, e das bocas das mulheres jorra o líquido que, transbordando da bacia, cái ao tanque.

No Curral Falso, Santa Cruz, em pleno largo está colocado um grande tanque com a respectiva coluna ao centro, onde vão buscar o líquido precioso os habitantes dessa localidade. É simples de construção, de cimento e bicas de metal.

Na Praça Dr. Mario Valadares, em Cabussú, Campo Grande, há, ao centro, uma pilastra revestida de azulejos, coberta em duas águas em cada face, em forma de *chalet*, formando oito águas ao todo; em cada face há uma bica.

No Campo da Capela, em Rio Grande, Jacarépaguá, existe no meio do largo um chafariz de ferro fundido, de fabricação francesa, representando uma ninfa com uma ânfora a distribuir água sobre um pedestal com quatro pequenas bacias, tendo carrancas de cuja boca jorra o líquido.

Ao terminar este pequeno estudo sobre as fontes e chafarizes da terra carioca, não posso deixar de lançar um apêlo aos administradores da nossa terra para que olhem também para os nossos artistas, proporcionando a sua contribuição para o embelezamento de nossa cidade.

A fonte “Carioca”, do professor Modestino Kanto, escolhida em concurso, na Sociedade Brasileira de Belas Artes representando a Ninfa sedestre colhendo o líquido na bacia. é de uma simplicidade extraordinária, em contraste com o temperamento exuberante do artista; é uma bela “Maquette” e deve ser executada para que se possa julgá-la como merece,

pois a idéia é feliz e o seu autor competentíssimo, artista de valor e de conhecido mérito.

É de lastimar que até hoje não se dêsse colocação em nossos jardins à belíssima fonte do professor Corrêa Lima.

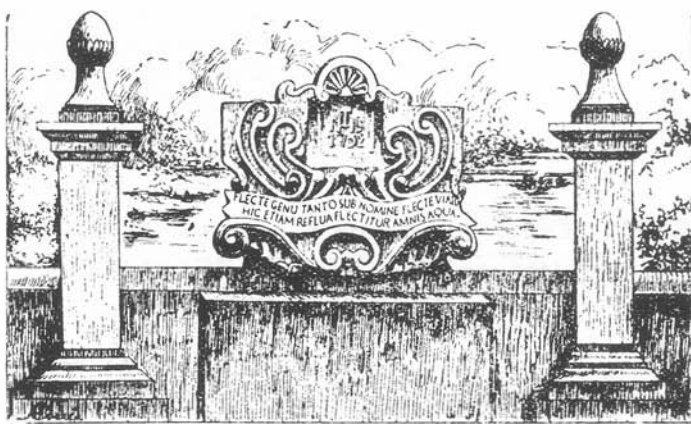
Esse grupo em bronze é um flagrante da cena campestre, onde a juventude aparece; representa um menino entregando a sua joven companheira uma cuia cheia da linfa, num movimento natural, procurando ela recebê-la, tendo um dos braços apoiado ao seu pescoço como símbolo fraternal; aos seus pés, um cabritinho em movimento de atenção.

O grupo está plasmado numa fatura larga, segura, aparágio dos mestres.

A composição é natural, nada forçado, resultando uma harmonia extraordinária, sendo este grupo bem a alma do artista delicado e sincero, glória do nosso meio artístico, que amanhã os nossos dirigentes saberão conhecer aquilo que não quiseram em tempo reconhecer, isto é, que temos verdadeiramente artistas nacionais, capazes como os mais capazes.

Rio de Janeiro, 22 de Dezembro de 1929.





“Cartucha” da ponte dos Jesuítas com a inscrição secular